

Annuaire, publicado em opúsculo o trabalho do sr. dr. Antero de Figueiredo, vê-se que as suas palavras foram mal interpretadas. Nêsse formoso pedaço de prosa, a figura de Sena Freitas destaca a plena luz, sem que sejam relegados para o segundo plano os seus ilustres contendores.

O sr. Visconde de Vila-Moura, falando no salão da Universidade à cerca de Teixeira Lopes, manteve os seus créditos de prosador distintíssimo—quasi um poeta—e conseguiu desenhar, a traços perfectos e cheios de justeza, a fisionomia mental e artística do grande escultor. Critico e criticado estiveram à altura um do outro.

A terceira conferência, que redundou num ver-

ceu, durante vinte e cinco minutos escassos,—o que não impediu alguns jornais de inserirem um largo extracto da sua conferência, que leva o dôbro daquele tempo a ler. Por último, farto de apupos, pôs ponto às suas considerações.

Foi bem? Foi mal? Nêste ponto, as opiniões dividem-se em dois partidos: um que invoca as bizarras tradições de hospitalidade do Ateneu; outro que apela para as tradições liberais do Pôrto, onde não fazem ninho os milhafres... nem qualquer outra espécie de aves de rapina...

Et voilà, por êste mês.

CAMPOS MONTEIRO.

EXPOSIÇÃO DE QUADROS A ÓLEO, DE AGUARELAS E DESENHOS

DE MARIA DE LOURDES BARAHONA DE MATOS
BRAANCAMP FIGUEIREDO

ENCONTROU-SE há pouco em exposição, no magnífico salão «Silva Pôrto», à rua de Cedofeita, um conjunto de obras de arte pura, bem assinaláveis pela sua qualidade. A autora, D. Maria Barahona de Figueiredo, surpreendeu, pelo imprevisto de faculdades tão eminentes numa senhora, todo o público de critério e bom gosto em assuntos de Arte. Trata-se duma produção séria em que resplandece uma sciência segura e uma execução culta, sem as ideologias excessivas que tanto repugnavam aos espíritos superiores de Alma Tadema e de Alfredo Stevens, pintores genuínos, consagradíssimos, de Inglaterra e Bélgica.

Há, em arte, axiomas irrefutáveis, afirmações de fundamento, que não se infringem impunemente. O génio moderno frui uma liberdade que levou séculos, com efeito, a conquistar, mas carece essa altíssima virtude de continência para não sairmos da órbita do razoável. O equilíbrio em tudo é

condição imprescindível. A arte dos paranóicos, por vezes curiosa no campo de criações, não deixa de ser uma manifestação doentia a reclamar, quando incurável, a intervenção da caridade, apenas.

O que é, em suma, possível verificar, após uma atenta análise dos trabalhos da ilustre expositora, é a preponderância duma base respeitável: o desenho; nisto dá provas sobejas de que, além duma natureza privilegiada, soube ela aproveitar lições de escrupulosos mestres. Pela série congregada no salão «Silva Pôrto» nos inteiramos bem do singular temperamento artístico da ilustre pintora, que é todo de delicadeza sã e de adaptação a argutas e subtis visualidades. Consciência e probidade se descobrem no decurso das ideias belamente objectivadas. Certos desenhos da preciosa colecção demonstram, como Ingres e Baudry demonstraram eloquentemente, a vantagem que a simples linha de limite dos corpos oferece sem dependência de mais elementos plásticos. As silhuetas são, em geral, sugestivas, quanto a pormenores inexistentes, como se verifica soberbamente nas sombras projectadas em superfícies planas que com frequência se nos deparam. A fim de corresponder à função propriamente artística—que reside na criação da obra, a prática quotidiana, com que



D. Maria de Lourdes Barahona de Matos Braancamp Figueiredo



ORFÃS — QUADRO A ÓLEO DE D. MARIA DE LOURDES

conquistamos o automatismo dos meios, é de necessidade real e absoluta; sem linguagem correcta e gramatical não há verbalismos toleráveis, isto é de primeira intuição.

É um breve relato o que hoje oferecemos à cerca deste acontecimento artístico aos leitores nestas páginas já repletas de importante e variada colaboração.

Assim, citaremos o que de preferência se nos gravou na retina:

Orfãos, quadro a óleo, muito emotivo, com qualidades de execução de-véras apreciáveis, característica esta bem generalizada aos outros trabalhos da brilhante série.

Difícil é separar qualquer das obras apresentadas para chefiar, como é da praxe, uma reunião de nesgas de Natureza de incontestável primor, criteriosamente seleccionadas.

O retrato de menina, catalogado com o número 1, pela simplicidade de fixação e justeza de traços fisionómicos, é um quadro que se recomenda. Tem carácter, e é isso quanto importa num género tão escabroso e difícil como é o do retrato.

A *Onda*, uma guache animada, é uma prova das excepcionais aptidões da distintíssima artista. Prova de invulgar sintetismo, filiado, porventura involuntariamente, no dinamismo estético nipónico, de ampla realização.

Dos desenhos, em que muito se notabilisa a insigne expositora, mostra-se exemplarmente o retrato, número 42, da Ex.^{ma} Snr.^a D. A. da F.

O *croquis* a côres dos *Pescadores* é uma página magistral a especializar, assim como a *Rapariga do Cão*, a pastel, em que a factura atinge o ideal de improvisação e de nervosidade.

Restringimos, pois, as nossas referências a alguns trabalhos para unicamente não excedermos o espaço destinado a assuntos com antecipação reservados a inserção no presente número da *Ilustração Moderna*. Dando cabimento a uma apreciação despretenciosa mas legítima pela sinceridade que lhe preside, cumprimos um dever apregoando pela nossa parte os méritos duma artista tão consumada, dignos de registo nesta revista.

A. R.